OPINIÃO SOCIALISTA

O JORNAL DO PSTU
ANO X - EDIÇÃO 250
R$ 2 - DE 9 A 15/3/2006

EM CADA FÁBRICA, EMPRESA E ESCOLA...

É HORA DE ESCOLHER DELEGADOS AO CONAT

CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES, CONVOCADO PELA CONLUTAS, SERÁ DE 5 A 7 DE MAIO, EM SUMARÉ (SP)

PÁGINAS 6 E 7

A BOA VIDA DOS BANQUEIROS SOB O GOVERNO LULA

PÁGINA 5

IRAQUE: DIGITAIS DO IMPERIALISMO NA EXPLOSÃO DA MESQUITA

PÁGINA 11

CONLUTAS DERROTA MANOBRA E VENCE ELEIÇÕES EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

PÁGINA 12

■ **BICADAS** *Serra e Alckmin posam para fotos, mas a briga continua feia. Serra tinha dúvidas se participaria de homenagens a Mário Covas, temendo confrontos com defensores de Alckmin.*

PÁGINA DOIS

■ **HORROR E PÂNICO** *Os horrores da ocupação do Haiti não param. No dia 5 de março, a Folha de S. Paulo revelou que militares estão voltando para o Brasil com a síndrome do pânico.*

ANTONIO ERMÍRIO DE MORAES: INIMIGO DO VELHO CHICO

Uma nota assinada por entidades políticas e sindicais de Minas revela que a Votorantim Metais, do empresário Antônio Ermírio de Moraes (dono da 6ª maior fortuna do país), está poluindo o Rio São Francisco há mais de 40 anos através da descarga de dejetos de metais pesados sem qualquer tratamento e de "vazamentos" criminosos que já causaram o extermínio da principal espécie de peixe da região, o surubim. Há temor, mais do que justificado, de que a poluição atinja os lençóis freáticos e contamine de forma irremediável a água consumida pelas populações ribeirinhas. Se não bastassem os danos ambientais e econômicos, esta situação ainda demonstra a hipocrisia criminosa do empresariado, em total conivência com o governo: a Votorantim possui a certificação ISO 14001, dada a fábricas responsáveis com o meio ambiente.

PÉROLA

"Não existe na história do Brasil um governo honesto por completo. O governo FH teve problemas de corrupção. Imagina o que Delúbio não teria aprontado com as teles na mão"

EDUARDO PAES, *Eduardo Paes (PDSB-RJ), secretário-Geral do partido. (Jornal do Brasil, 27/02/2006).*

RACISMO NO FUTEBOL...

O mais recente lance de racismo no futebol aconteceu no Rio Grande do Sul, em 5 de março, no jogo entre o Juventude e o Grêmio. Depois de ser expulso por dar uma cotovelada no jogador (negro) Jeovâncio, do Grêmio, o zagueiro Antônio Carlos saiu do campo esfregando a mão nos braços (como que indicando a cor da pele) e, segundo testemunhas, chamando-o de "macaco". Cabe lembrar que, em novembro passado, o Juventude já havia sido multado porque sua torcida imitava um macaco todas as vezes que Tinga, do Internacional, tocava na bola. Ao que tudo indica, a atitude da torcida segue o péssimo exemplo de seus jogadores. Entidades do movimento negro gaúcho já entraram com uma representação contra o jogador.

CHARGE / *GILMAR*

BUSH IGNOROU TRAGÉDIA

Após inúmeras denúncias sobre o completo descaso do governo dos EUA com as vítimas do furacão Katrina, negras em sua maioria, vieram à tona fatos ainda mais incriminadores contra Bush. Um vídeo, feito em agosto de 2005, mostra o famigerado presidente recebendo, de metereologistas, informações completas sobre o que poderia ocorrer: "Há um potencial enorme de mortes... obviamente, o risco de transbordamento dos diques é uma preocupação seríssima". De férias em seu rancho no Texas e "sem tempo" para este tipo de preocupação, Bush dispensou os assessores afirmando: "Estamos totalmente preparados". O resultado, todos viram. Além de mais de mil mortos, a cidade até hoje está mergulhada no mais completo caos.

...E TAMBÉM NA PUBLICIDADE

A associação de negros a animais e seres primitivos é uma das práticas mais constantes do racismo. E também uma das mais freqüentes nos meios de comunicação, particularmente pela publicidade. O último exemplo está no ar na TV e espalhada em outdoors pelas ruas numa propaganda da maionese Hellman's que mostra um grupo de "canibais" negros sendo seduzidos pelo produto apresentado por um caçador branco. Repetindo os estereótipos racistas, os negros são mostrados como boçais, idiotizados e representados praticamente como animais. Protestos podem ser feitos pela página do Conselho Nacional de Auto Regulamentação Publicitária (www.conar.org.br).

Outdoor da Hellman's

EXPEDIENTE

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua Humaitá, 476 - Bela Vista - São Paulo - SP CEP 01321-010
Fax: (11) 3105-6316 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Larissa Morais, Wilson H. da Silva, Yara Fernandes **PROJETO GRÁFICO** Gustavo Sixel **DIAGRAMAÇÃO** Gustavo Sixel e Mônica Biasi **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 3105-6316 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua Humaitá, 476
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01321-010 - (11) 3105-6316

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua A-41, Quadra B5, 258
Bairro Graciliano Ramos - Maceió - AL
(82)9903.1709 (81)9101.5404
maceio@pstu.org.br

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499
macapa@pstu.org.br

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093
manaus@pstu.org.br

BAHIA

SALVADOR - R.Fonte do Gravatá, 36, Nazaré (71) 321-3632
salvador@pstu.org.br
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Av. Lauro de Freitas, 282, Centro
VITÓRIA DA CONQUISTA
Rua C, Quadra C, 27 - Morada do Bem Querer - Candeias
www.pstu.org.br/conquista

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
CENTRO -Av. Carapinima, 1700, Benfica (82) 254-4727
www.pstufortaleza.org
MARACANAÚ -Rua 1, 229 - Conjunto Jereissati 1
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul - CONIC - Edifício Venâncio V, sala 506
Asa Sul - Brasília - DF
brasilia@pstu.org.br

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

FORMOSA - Av. Valeriano de Castro, nº 231, Centro - (61) 631-7368
GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 9244-9090
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550
saoluis@pstu.org.br

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921
Vila Planalto (67) 384-0144
campogrande@pstu.org.br

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
uberaba@pstu.org.br
UBERLÂNDIA - R. Ipiranga, 62 - Cazeca

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Tv. do Vileta, 2.519 - (91) 226-3377
ICOARACI - R. Pe. Júlio Maria, 403/1 (91) 227-8869 / 247-7058
CAMETÁ - Tv. Maxparijós, 1195, B. Novo
RONDON DO PARÁ - R. Ayrton Senna, 147 (94) 326-3004
SÃO FRANCISCO DO PARÁ - Rod. PA-320, s/nº (ao lado da Câmara) (91) 96172944

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Alfredo Buffren, 29 sl. 4

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro
niteroi@pstu.org.br
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro
novaiguacu@pstu.org.br
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE
sulfluminense@pstu.org.br
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
nortefluminense@pstu.org.br

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Dr. Heitor Carrilho, 70 (84) 201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
ZONA NORTE - Av. Baltazar de Oliveira Garcia, 2669 Sala 205 (Esquina com Manoel Elias) (51) 3024-3419
BAGÉ - (53) 8402-6689 / 3241-7718
PASSO FUNDO - (54) 9993-7180
RIO GRANDE - (53) 9977-0097
SANTA MARIA - (55) 84061675 / 3223-3807, *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 104, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL Santo Amaro – Av. João Dias, 1.500 - piso superior
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
www.pstubauru.ig.com.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3235-2867
campinas@pstu.org.br
GUARULHOS *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 705 casa 2 Vila Progresso (11) 6441-0253
Av. João Veloso, 200 - Cumbica (11) 3436-8887
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Engenheiro Gualberto, 53 - Centro
(11) 4796-8630
www.pstu.org.br/altotiete
RIBEIRÃO PRETO
Rua Paraíso, 1011, Térreo - Vila Tibério (16) 3637-7242
ribeiraopreto@pstu.org.br
SANTO ANDRÉ -Rua Oliveira Lima, 279 sala 5 - 2º andar
SÃO BERNARDO DO CAMPO - R. Mal. Deodoro, 2261 - Centro
(11) 4339.7186
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
VILA MARIA - R. Mário Galvão, 189 (12)3941.2845
ZONA SUL - Rua Brumado, 169 - Vale do Sol
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vila Carvalho
(15)3211.1767
sorocaba@pstu.org.br
SUZANO *suzano@pstu.org.br*
TAUBATÉ - Rua D. Chiquinha de Mattos, 142/ sala 113 - Centro

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

PARA ROMPER COM OS BANCOS, ROMPER COM O PT!

Todos os ativistas do movimento sindical, estudantil e popular do país deveriam estudar com atenção os dados divulgados na semana passada sobre os bancos neste país. Dois elementos merecem a atenção de qualquer um: 1) os bancos lucraram 28,4% mais no governo Lula do que no de FHC. 2) os bancos financiaram nas últimas eleições o PT (R$ 7,9 milhões), quase o dobro do que deram ao PSDB (R$ 4,1 milhões).

Trata-se de um tema importantíssimo para a reflexão dos milhões de trabalhadores e das dezenas de milhares de ativistas que seguem apoiando o PT.

Não cabe a menor dúvida que o PSDB e o PFL sempre foram partidos representativos do capital financeiro e, por isso mesmo, financiado por eles. O PSDB ficou conhecido no governo FHC como o "Partido da Salvação dos Bancos". Injetou bilhões do dinheiro público nos bancos falidos com o Proer, garantiu lucros altíssimos e recordes para os banqueiros com o modelo neoliberal (juros altos, superávits primários para pagar a dívida etc.).

A candidatura Serra em 2002 contou com o apoio político e financeiro dos grandes bancos.

Mas é preciso explicar o que aconteceu com o PT, que teve um aumento de 1000% das contribuições dos banqueiros entre 2002 e 2004. É evidente que os grandes bancos, para defender seus lucros atuais, muito maiores que no governo FHC, passaram a dividir seu apoio político e financeiro entre o PT e o PSDB-PFL, e agora já estão dando mais dinheiro ao PT. Agora, os grupos que se dizem de esquerda e seguem no PT, devem saber que estão lado a lado com os banqueiros.

Como se sabe, os banqueiros estão no centro do poder capitalista e imperialista. Eles têm um enorme poder econômico, com seu controle acionário de boa parte das grandes empresas. Estão estreitamente ligados ao imperialismo, ou são diretamente imperialistas. Conseguem lucros fabulosos, mesmo com a economia crescendo pouco como agora. Cumprem um papel claramente parasitário, ao pagar no máximo 1% de juro no dinheiro aplicado em seus papéis, e cobrar 10% ou 13% mensais no cheque especial. Boa parte de seus lucros vem diretamente do governo, sem qualquer risco, com o pagamento da dívida pública com juros altíssimos, determinados por seus representantes no governo federal.

Mesmo sendo uma parcela muito, muito pequena da população, os banqueiros têm um enorme poder político, controlando os principais partidos, o governo, o Congresso e a Justiça. Para isso, são os corruptores mais importantes (não por acaso, o BMG e o Banco Rural estão metidos no "Valerioduto"), e financiam as campanhas eleitorais dos partidos.

Já se sabia que o governo Lula e o PT mantinham excelentes relações com os banqueiros. O que não se sabia é que o PT recebia grandes somas de seu financiamento por eles, a ponto do PT paulista receber oito vezes mais dinheiro dos bancos do que de seus filiados e parlamentares.

Como fica agora o discurso petista de que é necessário reeleger Lula, para evitar a "volta da direita". Evitar a volta de quem? Dos banqueiros, o principal setor da direita e do poder burguês neste país? Não precisam voltar, já estão no governo.

> **Fazer campanha para o PT é estar junto de Olavo Setúbal, presidente do Itaú, e Márcio Cypriano, presidente do Bradesco**

Que todos os ativistas honestos deste país saibam. Ao seguirem defendendo o PT estarão juntos com Olavo Setúbal, presidente do Itaú, com Márcio Cypriano, presidente do Bradesco. Caso estejam fazendo campanha eleitoral, estarão distribuindo panfletos financiados diretamente pelos banqueiros. É muito mais eficaz para os banqueiros que seja um ex-operário metalúrgico no governo que defenda seus interesses.

Não estamos dizendo que os bancos apoiarão só o PT. Apoiarão o PT e o PSDB-PFL, para ter segurança de que vencerão as eleições, seja qual for o partido ganhador. O que estamos dizendo é que se quiser "evitar a direita", "acabar com o controle do capital financeiro", é preciso romper com os dois blocos burgueses dominantes existentes, tanto o PSDB-PFL como o PT.

É preciso construir uma alternativa dos trabalhadores, contrária a estes dois blocos do capital financeiro. Para isso, o PSTU chama o P-SOL, a Consulta Popular, o PCB a compor uma Frente de Esquerda Socialista e Classista. Essa frente precisa se construir nas lutas concretas dos trabalhadores, e na construção de uma nova direção, em alternativa à CUT.

Por exemplo, neste momento, esta frente está se expressando na constituição de uma chapa para a disputa pela direção do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, para derrubar nas eleições de abril a chapa da CUT, apoiada pelos banqueiros.

A expressão maior da construção desta nova direção é a realização do Conat, o Congresso Nacional dos Trabalhadores convocado para maio pela Conlutas, para formar uma nova entidade nacional, alternativa à CUT.

Da mesma forma, essa Frente de Esquerda, Classista e Socialista deve se expressar nas eleições, com um programa contra o controle do país pelos banqueiros, tanto os banqueiros do PT como os do PSDB-PFL. Para isso, essa frente deve ter um programa anticapitalista, antiimperialista, contra o governo petista e a democracia dos ricos.

GUERRA DO ÁLCOOL: GANHAM OS USINEIROS, PERDE A POPULAÇÃO

***ROBERTO BARROS**, da redação*

ELZA FIUZA

Desde o início do ano, e especialmente nas últimas semanas, tem recrudescido o jogo de cena da chamada "guerra do álcool" – envolvendo usineiros, distribuidores, comerciantes e diferentes escalões dos ministérios da Agricultura, Minas e Energia, Fazenda e Casa Civil –, cuja manifestação mais aparente é a escalada do preço do etanol combustível nos postos.

O aumento relaciona-se, por um lado, às oscilações da economia mundial sob a alta do barril de petróleo e, por outro, ao prognóstico de escassez do petróleo que, como se sabe, trata-se de matriz energética não-renovável. Desta forma, a lógica que rege o capitalismo torna o álcool – fonte energética barata, de múltipla aplicação e produção em escala – uma *commodity* agrícola bastante atraente ao mercado internacional, impulsionando a exportação (em dólares) e escasseando a oferta no mercado interno (em reais). As exportações de álcool saltaram do patamar de 300 milhões de litros, há três anos, para 2,4 bilhões de litros.

Já em janeiro, a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, reuniu-se com diversos empresários do setor sucroalcooleiro (açúcar e álcool) com o objetivo de estabelecer um acordo em relação ao valor máximo permitido à venda do combustível. Dias após serem convocados novamente ao Palácio do Planalto para dar explicações sobre os preços do álcool, seus porta-vozes avisaram que o acordo com o governo "não se sustenta". O segundo encontro contou com as presenças dos ministros Silas Rondeau (Minas e Energia), Roberto Rodrigues (Agricultura) e Antonio Palocci (Fazenda).

Eduardo Carvalho, presidente da Unica – União da Agroindústria Canavieira de São Paulo –, diz que não foi possível a manutenção dos preços porque *"as condições de mercado não permitem os preços estabelecidos"*. A decisão subseqüente do governo federal – sob pretexto de "punir os usineiros" – foi alterar a composição da gasolina, baixando em 5% a quantidade de álcool anidro adicionada à gasolina. O efeito imediato foi a penalização não dos usineiros, mas da população, com a imediata subida do preço nos postos encarecendo – além do álcool hidratado – também a gasolina. Somente na alta após o feriado de Carnaval, o aumento foi de 10%. Com diferenças regionais, o álcool está custando aproximadamente 67% do valor a que era vendido no auge da produção de 2005.

Como se não bastasse, o governo prevê vultuosos subsídios aos usineiros com o *Programa do Etanol*, uma série de subsídios à produção que garante a estocagem e assegura linhas de financiamento entre outras coisas. Mais ainda; uma dívida que se acumulava em R$ 6 milhões – contraída por usineiros paulistas – foi perdoada recentemente pelo Congresso Nacional. Isso comprova o grande lobby que tem esse setor dentro da república do mensalão, através da poderosa bancada ruralista.

SEMI-ESCRAVIDÃO

A cadeia produtiva da cana-de-açúcar é ainda um retrato fiel da herança colonial-escravista de um setor que operava sob o modelo de *plantation* no Brasil: latifúndios de vastas extensões, monocultura para exportação e emprego de força de trabalho escrava. O padrão de desenvolvimento capitalista na formação histórico-social do Brasil nunca representou uma efetiva ruptura com o modelo anterior. A constituição da sociedade burguesa no país não só manteve relações dependentes com os centros nervosos de acumulação capitalista – EUA e Europa –, como também não foi capaz de erradicar relações de trabalho que só podem ser classificadas como uma nova semi-escravidão. Hoje o cortador que se abaixa 36 mil vezes por dia faz cerca de R$ 800 por mês se for remunerado pelo pico, R$ 2,40 a tonelada.

Nos primeiros meses de seu mandato, Lula foi a uma das maiores usinas do país – na região de Ribeirão Preto –, e, em seu longo discurso, saudou entusiasticamente as perspectivas internacionais do setor. Porém, não fez uma menção sequer às relações de trabalho ali travadas. A região de Ribeirão Preto – maior concentração canavieira do mundo e origem das denúncias de mortes por excesso de trabalho – tem dois fiéis representantes no Palácio do Planalto: Antonio Palocci, do próprio PT, e Roberto Rodrigues, agro-exportador.

Ambos representam o outro lado da moeda da produção canavieira no país: o dos escritórios refrigerados, que orientam as mais modernas pesquisas de modificação genética, desenvolvem tecnologias para o aproveitamento da celulose da cana e controlam a produção agrícola à distância, através de serviço de mapeamento por satélite fornecido pelo portal oficial da Unica na Internet. O cenário não tem nada a ver com a velha oligarquia latifundiária, mas é a essência do novo *agrobusiness*, intimamente associado e profundamente dependente do capital internacional.

ALTERNATIVA DOS TRABALHADORES: CONTROLE OPERÁRIO

O Brasil domina a tecnologia de toda a cadeia produtiva do álcool desde a plantação até o transporte e armazenamento. O Programa Nacional do Álcool foi criado em plena ditadura militar como alternativa desenvolvimentista à crise mundial do petróleo de 1973, o qual possibilitou historicamente o desenvolvimento da atual infra-estrutura sucro-alcooleira. Nos 30 anos desde a criação do Programa, o Brasil especializou-se não só em produzir o combustível, como também em equipamentos, conhecimento e tecnologia destinados à distribuição, intercâmbio e consumo do álcool.

De fato, o álcool constitui uma alternativa limpa, renovável e menos poluente em relação ao petróleo. Porém, após a falência histórica do Proálcool, há que se tirar as conclusões necessárias. Só há uma forma de se imunizar contra os interesses dos usineiros, aos quais o governo Lula, a sua vez, se curva da maneira mais vil. Para início de conversa, é preciso exigir a abertura dos livros contábeis de todas as empresas envolvidas com a produção e a distribuição aos seus respectivos trabalhadores, para investigar de onde vem, realmente, a suposta "crise". Somente o controle dos trabalhadores pode se opor simultaneamente à tirania dos cartéis que monopolizam o setor e à cega sanha da produção capitalista.

A expropriação sem indenização das usinas em que se pratica trabalho escravo e semi-escravo seria o passo imediatamente anterior à estatização desses verdadeiros complexos agro-industriais, sob controle dos trabalhadores da cidade e do campo, das diferentes fases da produção. Isso permitiria um salto qualitativo nas pesquisas e produção de álcool no país – a exemplo do que foi a conquista da auto-suficiência pela Petrobrás –, privilegiaria as necessidades da população trabalhadora em detrimento do lucro das empresas, acabaria de uma vez por todas com as velhas chantagens dos usineiros (que sempre lucram com a alta da cana no exterior) e, por fim, daria cabo da brutal exploração dos trabalhadores rurais do país.

OPOSIÇÃO BANCÁRIA DO RIO LANÇA CHAPA DE LUTA

COM APOIO E representatividade na categoria, objetivo é resgatar o sindicato do peleguismo da CUT

***ANDRÉ FREIRE**, do Rio de Janeiro (RJ)*

FOTOS SAMUEL TOSTA

Convenção da oposição. No destaque, Eliana Oliveira, candidata a presidente

Entre os dias 3 e 7 de abril acontecerão as eleições para o Sindicato dos Bancários da cidade do Rio de Janeiro, uma das principais entidades da categoria em nível nacional.

A Chapa 2, da *Oposição Bancária*, foi lançada em 21 de fevereiro e sua construção é uma vitória para os bancários, pois significará uma alternativa forte e combativa ao governo neoliberal de Lula e ao sindicalismo chapa branca do PT, PCdoB e da CUT.

Esta chapa representa a unificação de diversos setores que resistem ao atrelamento do movimento sindical brasileiro ao governo federal e aos partidos da sua base de sustentação.

Compõem a chapa bancários militantes do **PSTU**, PCB (que acaba de anunciar seu rompimento com a CUT), P-SOL, MRB (grupo sindical regional), *Reage Socialista*, MTL, *União Comunista* e, principalmente, bancários independentes que se destacaram na organização das greves protagonizadas pela categoria nos três anos de governo Lula.

A companheira Eliana Oliveira, funcionária do Itaú há 20 anos, diretora da Federação dos Bancários do RJ / ES e que rompeu com a *Articulação Sindical* por discordar do governismo e do "corpo mole" frente aos banqueiros, será a candidata a presidente pela Chapa 2.

No programa da chapa, consta o compromisso de abrir o debate democrático na categoria sobre a desfiliação do sindicato da CUT e a posterior filiação à Conlutas ou a outra organização que seja alternativa à falência dessa central. Durante a campanha eleitoral, a chapa deixará clara sua proposta de que o sindicato se desfilie da CUT.

Outro ponto fundamental no programa é a denúncia da falsa polarização entre a Confederação Nacional dos Bancários (CNB/CUT) e a Confederação Nacional dos Trabalhadores nas Empresas de Crédito (CONTEC). A chapa vai debater a proposta de construção de uma entidade intersindical nacional dos bancários, que represente uma alternativa de direção para as futuras lutas dos bancários, sobretudo nas campanhas salariais.

Ainda antes da inscrição da Chapa 2, foram lançados dois manifestos de apoio à *Oposição Bancária*. O primeiro obteve mil assinaturas de bancários do Banco do Brasil, e o segundo, 500 assinaturas de funcionários da Caixa Econômica Federal.

Outra vitória muito importante foi a inscrição de 29 candidatos de bancos privados, mesmo com a ameaça de demissões e a parceria entre os banqueiros e a atual maioria da diretoria do sindicato.

Afirma o companheiro Cyro Garcia, militante do **PSTU** e candidato a vice-presidente de bancos públicos pela Chapa 2: *"Chamamos todo o movimento sindical, popular e estudantil que se coloca na oposição de esquerda ao governo Lula e ainda se mantém fiel aos interesses dos trabalhadores a apoiar ativamente a Chapa 2. A vitória política dessa chapa representará mais um importante passo no fortalecimento de uma alternativa de direção para a classe trabalhadora e a juventude brasileira"*.

JUVENTUDE

ESTUDANTES E TRABALHADORES JUNTOS CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DA PUC-SP

MOVIMENTO luta para defender a universidade da reitoria, dos bancos e da intervenção

***HELENA MARTINS**, da juventude do **PSTU** de São Paulo*

Os trabalhadores e estudantes da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica) enfrentam hoje a pior crise da história da universidade. Estão pagando o preço, injustamente, porque, há cerca de 15 anos, a reitoria entregou a instituição aos bancos, alimentando uma dívida de R$ 82 milhões. Hoje o déficit mensal é de R$ 4,3 milhões.

A atual reitoria, que aprofundou ainda mais a relação de subserviência aos bancos, é diretamente responsável pelas demissões de centenas de professores e funcionários. É responsável, inclusive, pela intervenção brutal da Igreja Católica. Por meio da Fundação São Paulo, mantenedora da universidade, a igreja demitiu cerca de 30% dos trabalhadores da PUC-SP – um verdadeiro "tratamento de choque".

Os critérios para as demissões não foram explicados à comunidade universitária. As reposições já começaram, mas os novos professores serão admitidos com salário até 56% mais baixo.

Além das demissões, outras arbitrariedades estão presentes: negação absoluta de bolsas; perseguição aos movimentos estudantil e sindical; reformas para baratear e sucatear os cursos mais deficitários, o que têm estreita ligação com as demissões. Não há professores para inúmeras disciplinas e, ainda assim, a reitoria cobra integralmente as mensalidades. Os trabalhadores que tentam se organizar para combater essa situação são ameaçados.

Mas a comunidade puquiana está longe de assistir a tudo sem reação e mostra-se disposta a lutar pela readmissão, por bolsas e pela derrota dos bancos e seus cúmplices. Os três setores apontam a estatização como perspectiva para acabar de fato com a crise.

Além disso, suas associações e instâncias representativas – Apropuc (professores), Afapuc (funcionários) e Centros Acadêmicos (CA's) – sabem que o único modo de reverter esse processo de calamidade é construir uma greve das três categorias.

A Conlutas e a Conlute têm marcado presença e apoiado, de diversas formas, a luta de estudantes e trabalhadores da PUC. A Conlute, presente antes do início das demissões, vem defendendo cada luta dos estudantes, em especial no curso de Letras, com o Centro Acadêmico Clarice Lispector. Os demais CA's, com destaque para o de Ciências Sociais, também têm organizado a luta neste momento de auge da crise.

A situação na PUC-SP é reflexo da mercantilização do ensino superior, iniciada nos anos 90 e hoje cada vez mais explícita com o governo Lula e a UNE, na defesa de sua reforma Universitária. Quem se beneficia com a mercantilização do ensino são os bancos e os donos do ensino privado. A defesa da PUC-SP está intimamente ligada à luta contra a reforma Universitária e por um direito incontestável: ensino superior gratuito e de qualidade para toda a população.

TODO APOIO AOS TRÊS SETORES DA PUC-SP!
NENHUMA DEMISSÃO! QUALIDADE E DEMOCRACIA INTERNAS!
PELA ESTATIZAÇÃO DA PUC-SP!
ABAIXO A REFORMA UNIVERSITÁRIA DE LULA/UNE/FMI!

UM SALTO NA REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO DE MASSAS

CONGRESSO em maio será um marco na superação das velhas direções governistas e na construção de uma nova alternativa para os trabalhadores

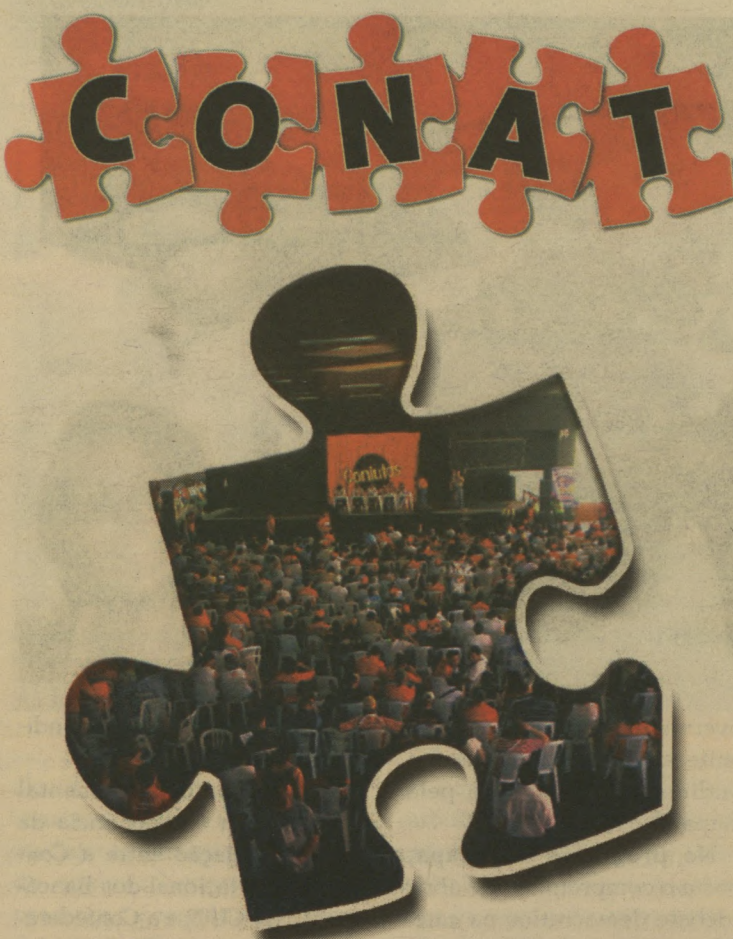
***DIEGO CRUZ**, da redação*

Entre os dias 5 e 7 de maio, milhares de delegados eleitos na base dos sindicatos, oposições, movimentos populares e estudantis de todo o país reúnem-se na cidade de Sumaré (a 120 Km da capital de São Paulo) para o evento que representa um marco na reorganização do movimento de massas no Brasil. O Congresso Nacional dos Trabalhadores (Conat), convocado pela Conlutas, deverá lançar as bases de uma nova organização, independente e combativa, em contraposição à CUT.

FECHA-SE UM CICLO

A eleição de Lula e a subida ao poder de um governo que aprofundou a política neoliberal de FHC aceleraram um processo que já ocorria a passos largos há alguns anos. Completa-se a irreversível burocratização da CUT e sua incorporação ao Estado. Ao manter atrelada a principal direção dos trabalhadores e travar suas lutas, Lula conseguiu aprovar medidas que atacaram direitos históricos da classe, como o caso da reforma da Previdência em 2003. Além disso, impôs um programa neoliberal ao país, que inclui arrocho fiscal e salário mínimo de fome.

A CUT, fundada em 1983 em meio a um vivo processo de lutas e mobilizações, representou, naquele momento, um salto na organização dos trabalhadores. Permitiu que os setores mais combativos se unissem e superassem as velhas direções sindicais, representados pelos pelegos da ditadura, atrelados ao governo. Desta forma, a CUT foi fundamental para a unificação desse processo, possibilitando a retomada dos sindicatos e a formação da maior central classista da América Latina.

No entanto, sua burocratização e incorporação ao Estado, ocorrida durante essas duas décadas, aprofundada durante os anos 90 e acompanhando o giro à direita do PT, transformou o que era uma ferramenta de luta em uma trava para a mobilização e, mais do que isso, em uma ferramenta do Estado para impor mais ataques aos trabalhadores. No governo Lula, a CUT já é um instrumento do governo, como ficou claro na nomeação de seu então presidente Luiz Marinho para o Ministério do Trabalho.

ABRE-SE OUTRO CICLO

Os ataques do governo e da CUT não passaram incólumes. Setores importantes e cada vez mais numerosos dos trabalhadores resistiram e começaram a romper com Lula e com a central. Tal processo, aberto com a reforma da Previdência em 2003 e tendo à frente o funcionalismo público, prossegue até hoje incorporando também diversas outras categorias, como os trabalhadores da iniciativa privada e os lutadores dos movimentos sociais. Como aconteceu no final dos anos 70 e início dos 80, está ocorrendo um processo de ruptura com as antigas direções.

A construção da Conlutas, iniciada em 2004, no Encontro Sindical Nacional, em Luziânia (GO), apóia-se nesse processo, evitando a dispersão e unindo os setores combativos. Nesses dois anos, a Conlutas constituiu o único pólo nacional de resistência e luta, tanto ao governo quanto à CUT. A coordenação impulsionou mobilizações específicas das categorias, campanhas nacionais, como o combate à reforma Sindical e Trabalhista, bem como importantes manifestações nacionais contra o governo e a oposição burguesa em meio à crise política de 2005, marcada pelas denúncias de corrupção.

TODOS AO CONAT

No entanto, assim como ocorreu durante a formação da CUT, setores de esquerda que se colocam contra o governo impõem obstáculos à reorganização do movimento e à superação de suas direções. Nos anos 80, enquanto os setores mais conscientes da classe trabalhadora construíam a CUT, houve uma parcela que se colocou ao lado dos pelegos: o PCdoB e o PCB acusavam a CUT de divisionista e seguiram junto a eles em centrais como a CGT. Hoje, a esquerda da CUT cumpre o mesmo papel, colocando-se contra a ruptura com a central e a formação da Conlutas. Estão na contramão da reorganização do movimento. O P-SOL, infelizmente, ainda se encontra dividido com um setor empenhado na construção da Conlutas e outro defendendo a CUT.

Não existe nenhuma possibilidade de unificar a luta dos trabalhadores contra o governo e seus plano econômico dentro da CUT governista. Não foi por acaso que as principais mobilizações nacionais contra o governo foram articuladas por fora e contra a CUT. Foi assim com a greve da Previdência e a manifestação dos 50 mil em Brasília organizada pelo funcionalismo em 2003. Foi assim com as importantes manifestações organizadas pela Conlutas em Brasília nos dias 16 de junho de 2004 e 17 de agosto de 2005, as maiores mobilizações contra o governo.

É necessário que a esquerda da CUT rompa definitivamente com a central e realize conosco um Conat vitorioso, construindo uma verdadeira alternativa de todos os setores explorados e atacados pelo governo.

P-SOL marca congresso para a mesma data do Conat

Em uma reunião, a executiva nacional do P-SOL agendou o congresso nacional deste partido para 6 e 7 de maio, exatamente a data do Conat, que já tinha sido marcado há muito tempo. Trata-se de um equívoco que deve ser corrigido pelos companheiros. Existe todo um setor do P-SOL que está engajado na construção da Conlutas que teria que faltar a um dos dois congressos. A manutenção da data seria uma postura antidemocrática não só com a Conlutas, mas, em particular, com o setor do P-SOL que apóia a Conlutas. Imaginem se a data do congresso do P-SOL coincidisse com o congresso da CUT, apoiado pela outra ala deste partido.

A direção do P-SOL foi contatada para discutir este problema e está debatendo a questão.

POR SALÁRIO DIGNO E CONTRA AS REFORMAS DE LULA

No dia 22 de fevereiro, a Conlutas lançou oficialmente a Campanha Nacional pela anulação da reforma da Previdência, no auditório da Assembléia Legislativa do Distrito Federal.

O evento contou com a presença de diversas entidades sindicais do funcionalismo público, como o Fenal (Federação Nacional dos Servidores dos Poderes Legislativos Estaduais e do Distrito Federal), Mosap (Movimento dos Servidores Públicos Aposentados e Pensionistas), Fenafisco (Federação Nacional dos Trabalhadores no Fisco Estadual), Unafisco (União Nacional dos Auditores Fiscais da Receita Federal), Sindilegis (Sindicato dos Servidores do Legislativo Federal e do TCU), Sinait (Sindicato Nacional dos Auditores Fiscais do Trabalho), Sinasefe (Sindicato Nacional dos Servidores Federais da Educação Básica e Profissional) e Unacon (União Nacional dos Analistas e Técnicos de Finanças e Controle).

Segundo William Carvalho, da direção do Sinasefe e da coordenação nacional da Conlutas, *"as falas das entidades foram no sentido de aproveitar a crise do governo e lutar para anular essa reforma. Expressaram a necessidade das entidades subscreverem o requerimnento encaminhado pela Conlutas junto com outras entidades ao Ministério Público pedido a anulação da reforma da Previdência, uma vez que o processo de votação no Congresso foi viciado pela compra de votos, como ficou comprovada na cassação de Zé Dirceu"*. Além disso, está sendo encaminhado um abaixo-assinado na base das categorias, exigindo a anulação da reforma, que pode ser encontrado no portal da Conlutas (*www.conlutas.org.br*) e no do PSTU (*www.pstu.org.br*).

Junto com a Confederação Brasileira dos Aposentados e Pensionistas (Cobap), a Conlutas está impulsionando um movimento pela valorização do salário mínimo, que será desenvolvido tanto entre os servidores públicos como na base dos trabalhadores da iniciativa privada, seja da ativa ou aposentados. Ao contrário da campanha chapa-branca levada a cabo pela CUT, que culminou na aceitação do salário mínimo rebaixado do governo, a campanha pela valorização do mínimo luta por um aumento digno, apontando as fontes de onde viriam os recursos para o pagamento de uma renda justa: a ruptura com o pagamento dos juros da dívida pública.

As propostas da Conlutas pelo real aumento do mínimo estão sendo sistematizadas numa cartilha que será trabalhada pelas entidades em suas bases.

CATEGORIAS DÃO A LARGADA PARA A ELEIÇÃO DE DELEGADOS

CROMAFOTO

A dois meses do Conat, os sindicatos, oposições e ativistas dos estados já iniciaram a preparação para o Congresso, com a eleição de delegados, plenárias e campanhas financeiras para viabilizar a viagem dos ativistas.

Em Minas Gerais, a Conlutas estadual imprimiu 100 mil jornais convocando o Congresso. Uma rifa entre os ativistas está arrecadando recursos para a ida dos delegados, eleitos em uma plenária no início de março. A Conlutas espera a participação de 100 ativistas, representando cerca de 40 entidades (sindicais, estudantis, de movimentos populares e sociais).

O número de entidades que compõem a Conlutas no estado não está fechado e cresce a cada dia. Segundo Boaventura Mendes, presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos e Serviços de Saúde de Belo Horizonte e da Coordenação estadual da Conlutas, *"cada dia mais entidades se aproximam e se incorporam à Conlutas"*.

Entre os servidores, a eleição de delegados na base também já começou. No dia 9 de março, ocorre a plenária do Sindscope, base do Sinasefe no Rio de Janeiro. Representando cerca de 3.500 trabalhadores, a entidade tem direito a 12 delegados ao Conat (*veja quadro sobre a eleição de delegados*).

As oposições também se mobilizam para o congresso. A *Oposição Bancária* em São Paulo realiza uma plenária no próximo dia 11 para discutir as propostas e promove assembléia no dia 22 de março para a eleição de delegados. A oposição espera eleger de 30 a 40 delegados para o Conat.

FIQUE POR DENTRO DOS CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DOS REPRESENTANTES

AS ELEIÇÕES DE DELEGADOS PARA O CONAT FORAM ABERTAS A PARTIR DO DIA 1 DE MARÇO E VÃO ATÉ O DIA 16 DE ABRIL. A ATA, LISTA DE PRESENÇA, DE DELEGADOS E SUPLENTES ELEITOS DEVEM SER ENVIADAS POR CORREIO À CONLUTAS NACIONAL ATÉ O DIA 18 DE ABRIL.

ENTIDADES SINDICAIS

Cada sindicato tem direito a 5 delegados, mais 1 delegado a cada 500 trabalhadores na base (fração de 250). Os delegados devem ser eleitos em assembléia com quórum mínimo de três vezes o total de representantes a que a entidade tem direito. Também podem ser eleitos suplentes, observando o limite de 50% do número de delegados.

As minorias dentro de uma direção também podem eleger representantes ao Congresso. Neste caso, elas terão direito a 2 delegados mais 1 para cada 500 trabalhadores (e fração de 250). A base de representação da minoria será definida pelo percentual de seu peso dentro da diretoria ou, quando se tratar de eleição com proporcionalidade, pelo percentual de votos que teve nas eleições. Exemplo: se a minoria representa 30% da diretoria ou teve 30% dos votos em uma categoria que tem 10 mil trabalhadores na base, terá direito a eleger delegados correspondentes a uma base de 3 mil trabalhadores (30% dos 10 mil). As entidades nacionais e federações têm direito a enviar 5 delegados.

JUVENTUDE

Os DCE's, CA's e Grêmios Estudantis, poderão eleger delegados na proporção de um para cada 500 estudantes (e fração de 250) matriculados no curso (caso do CA's) ou na escola (caso do Grêmio). Para os delegados das entidades estudantis, será permitida a eleição em urna.

As demais organizações da juventude elegerão delegados a partir de sua base de representação. As organizações que têm base definida (número de jovens que representa) terão direito a 5 delegados mais um para cada 500 jovens (e fração de 250) que representar. As organizações da juventude que não tenham base definida terão direito a 5 delegados.

MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais e populares elegerão delegados também conforme a sua base de representação, a partir de critério parecido com os definidos para os sindicatos. Assim, uma ocupação, assentamento ou acampamento urbano ou rural elegerá 5 delegados mais um para cada 500 participantes (e fração de 250) da ocupação.

OPOSIÇÕES

Terão direito a 2 delegados mais um para cada 500 (e fração de 250) de sua base de representação. A oposição que já tiver concorrido à eleição terá sua base de representação definida pelo percentual de votos obtidos nas eleições, aplicado sobre o número total de trabalhadores existentes na categoria. Exemplo: uma oposição que teve 30% dos votos em uma categoria que tem 20 mil trabalhadores, terá direito a eleger delegados sobre uma base de 6 mil trabalhadores. As oposições que não concorreram às eleições elegerão 2 delegados, também em assembléia.

MAIS INFORMAÇÕES, MODELOS DE ATAS E LISTAS DE PRESENÇAS PODEM SER CONFERIDOS NO PORTAL DA CONLUTAS. (WWW.CONLUTAS.ORG.BR)

BRASIL, O PARAÍSO DOS BANQUEIROS

BANCOS têm lucros recordes na economia que só cresce mais do que a do Haiti

DIEGO CRUZ, da redação

O pífio resultado da economia brasileira em 2005, anunciado pelo IBGE no dia 25 de fevereiro, foi um banho de água fria na cúpula do governo, dando um sabor amargo ao carnaval de Lula. Frustrando as mais pessimistas expectativas, o PIB tupiniquim fechou o ano com um crescimento de apenas 2,3%, superando, na América Latina, apenas o Haiti, que registrou avanço de 1,5% e cuja ocupação militar é liderada pelo Brasil. No geral, o crescimento da economia do Brasil foi menor do que a metade da média de crescimento do conjunto da América Latina, de 5%.

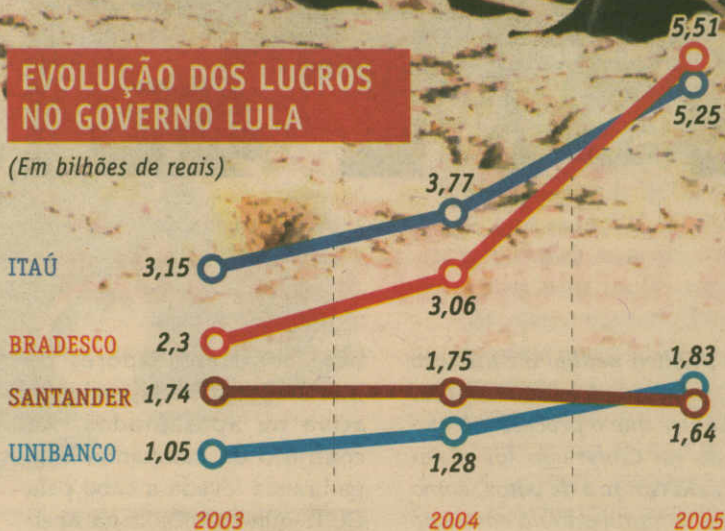
Enquanto isso, países que também estão longe de ter um governo independente do imperialismo e do capital internacional registram crescimento até três vezes maior que o Brasil de Lula, como é o caso da Venezuela, cuja projeção de crescimento em 2005 é estimada em 9%, segundo a Comissão Econômica para a América Latina (Cepal). O resultado da economia brasileira no ano passado foi divulgado em plena sexta-feira anterior ao carnaval, afim de impedir ao máximo sua repercussão.

PARAÍSO FINANCEIRO

O resultado do PIB contrasta com a onda de anúncios de lucros recordes dos bancos no Brasil em 2005, divulgados na semana anterior. As cinco maiores instituições que atuam no país, Itaú, Bradesco, Banco do Brasil, Santander/Banespa e Unibanco, lucraram juntas R$ 18,4 bilhões. A cifra representa o maior lucro do setor bancário em 11 anos. Só nos três primeiros anos do governo Lula, os cinco bancos aumentaram em 28,4% seus lucros em comparação aos dois mandatos de FHC. Entre 2003 e 2005, lucraram nada menos que R$ 44,12 bilhões.

Os números mostram que o Brasil se transformou em um paraíso para os bancos. De acordo com a consultoria Austin Asis, o lucro médio do setor no país é superior a 26% ao ano. Só para se ter uma idéia, essa taxa nos EUA varia entre 10% a 15%, dependendo das condições de sua economia. Isso se dá porque o Brasil tem uma das maiores taxas de juros praticadas no mundo, fazendo com que os bancos enriqueçam através dos títulos da dívida pública, sem falar nos juros extorsivos cobrados pelas instituições e na superexploração de seus funcionários.

RETRIBUIÇÃO PETISTA

A política neoliberal imposta pelo governo Lula que, intencionalmente, privilegia as instituições financeiras, segue a lógica de financiamento do PT. Segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, as doações dos bancos ao partido (diretório nacional e estadual de São Paulo) cresceram 1000% entre 2002 e 2004. Passaram de R$ 520 mil a R$ 5,7 milhões. Só na campanha de 2004, os candidatos petistas receberam, oficialmente, R$ 7,9 milhões. Nesse mesmo ano, os bancos deram ao diretório paulista cerca de R$ 4, 3 milhões, enquanto as contribuições de parlamentares e filiados chegaram a apenas R$ 550 mil. As "doações" são recebidas sem o menor constrangimento. *"Bancos e empresas querem manter relações e querem fazer também com que os partidos tenham condições de financiar seu programa e disputa eleitoral"*, tentou justificar o atual tesoureiro do PT, João Almeida (BA).

Essa evolução mostra uma importante mudança no caráter do partido. Antes financiado essencialmente por empreiteiras que buscavam contratos generosos com prefeituras e estados governados pelo partido, o PT passou a ser sustentado - pelo menos legalmente, é bom lembrar - pelo sistema financeiro. Desta forma, a alcunha de "partido dos banqueiros" não se refere hoje apenas à política levada a cabo pelo PT, mas à sua própria estrutura e funcionamento.

2006 COMEÇA BEM...

Se o ano que passou foi o dos bancos, 2006 começa bem para as multinacionais e os especuladores da dívida pública. O real valorizado fez com que as filiais remetessem, entre lucros e dividendos, U$ 1,54 bilhão às suas matrizes no exterior. Por conta disso, o Brasil teve déficit em conta corrente pela primeira vez em 13 meses, fechando o mês no vermelho e contabilizando uma perda de U$ 452 milhões.

Já os juros da dívida externa custaram ao país U$ 1,68 bilhão em janeiro, apesar da atual política do governo de substituí-la pela dívida interna. Ao todo, o Brasil gastou, no primeiro mês de 2006, mais de R$ 17,9 bilhões com os juros da dívida pública, mais um recorde do governo Lula. Ao mesmo tempo, antes mesmo da aprovação do Orçamento deste ano no Congresso, a equipe econômica já anunciou que cortará R$ 15 bilhões para a manutenção do superávit primário e o pagamento da dívida.

Assim, enquanto a economia avança para a estagnação devido à política neoliberal do governo Lula, do outro lado, os bancos têm lucros recordes exatamente por causa dessa política. No centro dessa gangorra, o governo Lula e o PT, financiados por esses bancos.

EVOLUÇÃO DOS LUCROS NO GOVERNO LULA

(Em bilhões de reais)

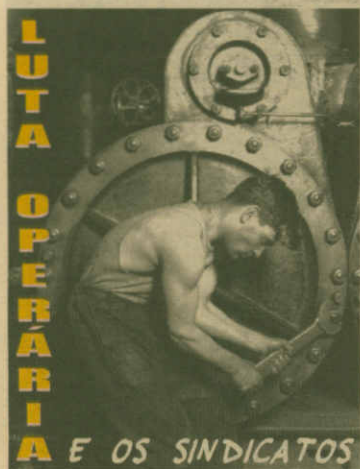
	2003	2004	2005
ITAÚ	3,15	3,77	5,25
BRADESCO	2,3	3,06	5,51
SANTANDER	1,74	1,75	1,64
UNIBANCO	1,05	1,28	1,83

Lula: reforma Sindical e Trabalhista é principal objetivo após eleições

Se no Brasil Lula mede as palavras ao falar com a imprensa, no exterior o presidente não economiza na sinceridade. Principalmente quando é para provar que está comprometido a transformar o país num negócio ainda mais rentável aos investidores e multinacionais. Em entrevista à revista britânica The Economist, *principal informativo do mundo financeiro internacional, Lula colocou a reforma Tributária, Política e a reforma Sindical e Trabalhista como principais objetivos para o próximo ano.*

Questionado sobre quais as principais reformas que o próximo governo deve implementar, Lula afirmou: "Primeiro de tudo, temos que terminar a reforma Tributária. Segundo, precisamos votar a reforma Sindical no Congresso. O Fórum Nacional do Trabalho está agora discutindo reformas trabalhistas e nós temos que implementar nossa reforma Política". *O objetivo da reforma Trabalhista não é segredo:* "Queremos facilitar para uma companhia contratar um trabalhador, reduzir os obstáculos envolvidos na contratação", *afirma. Com isso, Lula prova que um eventual novo governo do PT não será "menos pior" que a volta dos tucanos ao poder.*

'OPOSIÇÃO BANCÁRIA DO RIO LANÇA CHAPA DE LUTA' (PÁG. 8)

MARX E O PAPEL DA CLASSE OPERÁRIA, DAS LUTAS ECONÔMICAS E DOS SINDICATOS

PAULO AGÜENA, da Direção Nacional do **PSTU**

Na medida em que a classe operária se desenvolvia e se organizava surgiu, no interior do movimento operário, um intenso debate: qual objetivo da luta dos explorados? Qual o papel da classe operária nestas lutas? Que tipos de organizações deveriam os explorados construir? Qual a função dos sindicatos? Marx e Engels tiveram uma intervenção ativa nesses debates e fizeram a defesa do papel revolucionário da classe operária, da importância das lutas econômicas e dos sindicatos.

O DEBATE COM WEITLING

O alfaiate alemão Wilhein Weitling (1806-1871), foi um dos primeiros revolucionários alemães. Em 1844 era um dos homens mais conhecidos e populares na Alemanha. Autoditada talentoso, acreditava que o proletariado não era uma classe especial, com interesses próprios, mas somente uma parte da população pobre e oprimida. Defendia que o elemento mais revolucionário, capaz de derrubar a sociedade capitalista, era o proletariado desocupado, o "lumpem-proletariado". Atribuía à "bandidagem" um papel revolucionário.

Sua concepção se contrapunha a Marx e Engels que viam no proletariado a classe revolucionária. Os utopistas já tinham fixado seu olhar sobre *"a classe mais numerosa e mais deserdada"*. No entanto, acreditavam que pela sua condição miserável de existência era necessário que as classes superiores e mais cultas tomassem conta dela, ou seja, tinham uma visão filantrópica frente à classe operária. Não viam o fator revolucionário que se oculta na miséria. Marx é o primeiro a revelar o papel ativo, revolucionário, do proletariado na luta contra a sociedade burguesa.

Essa idéia – que já havia sido exposta por Marx em 1844 – é desenvolvida em 1845, na obra *A Sagrada Família*, escrita conjuntamente com Engels. Nela polemizam com os irmãos Bauer, ridicularizando todas as tentativas dos intelectuais alemães de se afastarem do proletariado ou se contentarem com as sociedades de beneficência destinadas a "encontrar a felicidade". O levante dos tecelões da Silésia, ocorrido alguns meses antes de terminar a obra, reforçou em Marx a convicção do caráter revolucionário do proletariado.

O que diferenciava Weitling dos demais utopistas de seu tempo – influenciado pelo revolucionário francês Augusti Blanqui – é que ele não acreditava em chegar ao comunismo pela persuasão, mas pela violência revolucionária.

Marx e Engels tentaram uma aproximação com Weitling. Mas logo as diferenças se aprofundaram. Weitling opunha-se ao trabalho preparatório de propaganda no meio operário sob o argumento de que as classes pobres sempre estavam prontas para a revolução, necessitando somente de líderes resolutos. Sob a severa advertência de que *"a ignorância nunca ajudou a ninguém, nem tem sido útil a qualquer coisa"*, Marx e Engels romperam com ele definitivamente em 1846.

DEBATE DE MARX COM PROUDHON E WESTON

Além das correntes que negavam o papel revolucionário do proletariado, surgiram também as que negavam a importância das lutas econômicas e dos sindicatos. Na França essa corrente foi representada por Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865). Autodidata ainda mais talentoso que Weitiling, era um dos publicistas mais brilhantes da França. Em 1841 publicou a obra *"O que é a propriedade?"*, em que critica violentamente a propriedade privada e afirma corajosamente que ela é um roubo. No entanto, se por um lado criticava a propriedade capitalista, por outro, defendia a preservação e a consolidação da pequena propriedade do camponês e do artesão como a via para estes prosperarem.

Ao mesmo tempo, empunhando a "lei de bronze dos salários", defendia a inutilidade da luta da classe operária em defesa dos salários. Afirmava que o aumento dos salários provocaria um aumento dos preços. Para ele as greves só provocavam transtornos. Por sua vez, não via a necessidade dos sindicatos e se contrapunha à legalidade dos sindicatos. Para melhorar sua condição o operário deveria se transformar em pequeno proprietário pela aquisição das oficinas mediante uma poupança. Utópico, foi precursor do anarquismo (tema que trataremos num próximo artigo). Defendia a destruição do Estado, a constituição de uma "república de pequenos proprietários", cooperativas de crédito, "Banco do Povo" e empréstimos sem juros.

Idéias semelhantes às de Proudhon referentes às greves e aos sindicatos surgiram posteriormente no interior das *trade-unions* na Inglaterra. Um de seus dirigentes, Jonhn Weston, passou defender a tese da inutilidade da luta por aumento dos salários com argumentos semelhantes aos de Proudhon. Acreditava que o aumento dos salários era prejudicial aos operários na medida que – supostamente – provocava a carestia dos demais.

Marx rebateu Weston, na reunião do Conselho da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), a I Internacional, realizada em junho de 1865. Demonstrou que a luta pelo aumento dos salários ao invés do aumento dos preços levava na verdade a uma redução dos lucros. Mostrou a importância desta luta para que os mesmos não caiam abaixo do mínimo necessário para o sustento dos trabalhadores. Afirmou, ao mesmo tempo, que o verdadeiro objetivo da luta dos operários é sua emancipação econômica, abolindo todo o sistema de salários. Por fim, defendeu as greves, afirmando que embora não fossem o meio de emancipação completa do trabalhador, era uma necessidade da luta do trabalho contra o capital.

Marx e Engels reunidos com trabalhadores

AS POLÊMICAS COM LASSALLE

Na Alemanha Marx enfrentou as idéias de Ferdinand Lassalle (1825-1864). Este teve o enorme mérito de erguer o movimento operário alemão após o período de reação que se iniciou com a derrota da revolução alemã de 1848 e que estendeu até 1862. Defendeu a organização da classe operária em partido, transformou-se no primeiro organizador do partido operário alemão. Fundou a União Operária Geral Alemã.

O centro de seu programa era a reivindicação do sufrágio universal, para cuja obtenção devia-se concentrar todas as forças. Para atingir seus objetivos a classe operária deveria obter maioria no parlamento. Apoiando-se na Lei dos Salários elaborada pelo economista clássico David Ricardo (1772-1823), afirma que é impossível elevar os salários sobre um mínimo determinado. Seu programa econômico defende a organização de sociedades de produção com a ajuda de créditos advindos do Estado. Dessa forma considerava os sindicatos instrumentos inúteis.

Marx e Engels já haviam endossado a reivindicação do sufrágio universal apresentada pelos *cartistas*. Este movimento surgiu na Inglaterra em 1835. Exigia uma reforma eleitoral. Dentre suas seis reivindicações que constavam na *Carta do Povo* (1837), redigida pelo dirigente operário Loewtt, exigia-se o sufrágio universal. Para Marx, Lassalle dava uma importância excessiva à luta democrática pelo sufrágio universal. Era uma ingenuidade pensar que a classe operária chegaria ao poder pelo voto sem modificar o regime político e econômico dominante.

A mesma coisa ocorria com a proposta de organizar associações de produção. Estas eram importantes para demonstrar que os capitalistas não são, em absoluto, necessários na produção. Mas era um erro considerar que através delas poder-se-ia, lentamente, ir se apoderando dos meios de produção. Para isso a classe operária deveria, antes de tudo, apoderar-se do poder político.

Deste modo era um verdadeiro absurdo desprezar os sindicatos e a luta econômica. Se as lutas econômicas eram um primeiro passo dado pela classe operária na luta contra o capital, os sindicatos eram o primeiro centro de organização que buscava unir os trabalhadores em torno de objetivos comuns.

TERRA FRIA: UMA HISTÓRIA REAL DE LUTA CONTRA O ASSÉDIO À MULHER

EM PLENA SEMANA DO 8 DE MARÇO, entra em cartaz nos cinemas brasileiros um filme que denuncia a opressão e exploração da mulher trabalhadora

***YARA FERNANDES,** da redação*

Baseado em uma história real, o filme *Terra Fria* narra o drama de Josey Aimes, uma mulher que tem a ousadia de abandonar o marido que a espancava para procurar um emprego e sustentar sozinha seus dois filhos. Para conseguir chefiar essa família, ela resolve trabalhar numa mineradora de ferro no interior do estado de Minnesota, nos EUA.

As provocações e xingamentos da maioria masculina da mina contra as poucas mulheres que trabalham no local tornam-se insuportáveis. Os abusos cometidos pelos colegas vão desde os comentários maliciosos e "brincadeiras sexuais" rabiscadas nas paredes e ditas nos intervalos de almoço até as investidas sexuais de seus superiores.

As reclamações de Josey não têm eco e a única resposta que ela recebe é que peça demissão caso não esteja gostando do trabalho. Josey decide então entrar com uma ação judicial contra a empresa. Foi a primeira ação coletiva por assédio sexual dos Estados Unidos, um marco histórico que influenciou outros processos judiciais e lutas feministas no país e no mundo.

O filme é baseado no livro de Clara Bingham e Laura Leedy Gansler, *Ação de classe: a história de Lois Jensen e o caso que mudou a Lei do Assédio Sexual*. O livro conta a história de Lois Jensen, que decidiu processar a mineradora Eveleth Taconite. Depois do esforço para convencer outras mulheres que trabalhavam na empresa a aderirem à ação coletiva, em 1998, uma década depois do ocorrido, a empresa teve que pagar às trabalhadoras uma indenização de US$ 3,5 milhões.

MUITAS MULHERES EM UMA PERSONAGEM

Há algumas críticas pelo fato de que o filme funde mais de uma pessoa real na mesma personagem. Entretanto, longe de ser um descrédito, a junção que representa a personagem Josey é um dos principais méritos do filme, por proporcionar uma denúncia conjunta das diversas faces da opressão e exploração da mulher num mesmo quadro.

Para além de um retrato fiel da realidade, Josey é uma denúncia da situação da mulher trabalhadora em seus diversos aspectos. Além da denúncia central do assédio sexual, o filme mostra a mulher que sofre com o preconceito dos vizinhos, família e amigos por ser mãe solteira e separada do marido. Conta, também, a história da adolescente que engravida após ser estuprada pelo professor e aponta, ainda, o machismo presente no próprio tribunal de justiça e no juiz que julga o caso. Por fim, desnuda a desgastante dupla jornada da mulher trabalhadora.

A personagem Josey sintetiza as diversas faces da opressão e exploração da mulher

DIVULGAÇÃO

Relato da luta que mudou a lei sobre assédio sexual nos EUA

No filme, a opressão, a exploração e a violência contra a mulher estão no local de trabalho, nas ruas, nos bares, nas escolas e dentro de suas próprias casas. Josey encara a incompreensão do filho, que ouve nas ruas e na escola os comentários preconceituosos sobre a mãe. Ela enfrenta o próprio pai, que já não aceitara sua gravidez precoce anos antes e agora se sente ofendido pela filha aceitar um emprego onde ele próprio trabalha. Enfrenta o silêncio da mãe, a violência do marido, o medo das próprias trabalhadoras de perder o emprego caso resolvam aderir à ação.

As ridículas justificativas criadas para encobrir o machismo trazem à memória de quem assiste uma sensação de *déjà vu*. Para o assédio sexual ou mesmo para o estupro, apresenta-se o argumento da insinuação feminina, ou mesmo seu suposto histórico de comportamento promíscuo. Para a hostilidade pela presença de mulheres trabalhando em uma mina, a resposta de que aquele não é o lugar delas, de que estão roubando o posto de alguém.

Tal ideologia é disseminada e incorporada pelos próprios trabalhadores, num mecanismo claro do Capital para dividir a classe trabalhadora. O próprio sindicato que representa os funcionários da mina no filme cumpre um papel conciliador, defendendo a empresa e se omitindo da batalha travada pelas mulheres do local, apoiando-se para isso no mesmo argumento divisionista.

UM OUSADO CLICHÊ

Apesar de seu importante conteúdo de denúncia, na forma o filme é feito sob medida para o Oscar e os padrões enlatados hollywoodianos. É previsível, até porque geralmente as histórias baseadas em fatos reais o são, por contarem histórias já conhecidas. Exagera no dramalhão, nos clichês, na trilha sonora maçante e em algumas câmeras lentas desnecessárias.

Todavia, não deixa de ser um belo filme. E é belo denunciando as muitas faces da exploração e da opressão da mulher trabalhadora em plena semana do 8 de Março nas principais salas de cinema do país e do mundo e na própria cerimônia do Oscar, indicado aos prêmios de melhor atriz (Charlize Theron) e melhor atriz coadjuvante (Frances McDormand).

Apesar de concentrar as denúncias em uma mesma personagem, a solução final não é individual ou messiânica, até porque se pauta numa história real. Nas batalhas concretas que vivem os trabalhadores, não há heróis, mas direções. E, ainda que utilize uma cena das mais clichês para fazer isso, o filme aponta que as conquistas, mesmo as judiciais (mas não só elas), só podem ser alcançadas quando a ação é coletiva.

SAIBA MAIS — A ENCANTADORA DE BALEIAS

A diretora de "Terra Fria" é a neozelandesa Niki Karo, que adquiriu visibilidade internacional em 2003 com outra personagem feminina forte, que enfrentou as injustas condições estabelecidas tradicionalmente para a mulher, porém longe do cenário hollywoodiano.

O filme "A encantadora de baleias" se passa na Nova Zelândia, onde vive o povo Maori, que acredita ser descendente de Paikea, o domador de baleias. A tradição do povo Maori diz que o primeiro filho do chefe da tribo seria considerado descendente de Paikea e líder espiritual do povo. Porém, após a morte do atual líder, quem assume o posto é sua irmã, Pai, uma garota de apenas 11 anos, personagem que rendeu a Keisha Castle-Hughes não a estatueta, mas o título de ser a mais jovem indicada a um Oscar de melhor atriz. Mas a menina do filme enfrenta a resistência de seu avô, que insiste na tradição de que o chefe da tribo deve ser homem.

"A encantadora de baleias" já pode ser encontrado nas locadoras em DVD e VHS e é uma boa oportunidade de conhecer o trabalho de Karo nas cidades onde "Terra Fria" ainda não esteja em cartaz nos cinemas.

A MÃO DO IMPERIALISMO POR TRÁS DOS ATENTADOS

ROGELIO NARANJO

JEFERSON CHOMA, da redação

No dia 22 de fevereiro, um atentado a bomba destruiu a Mesquita Dourada (ou Mesquita de Askariya), na cidade de Samara, no Iraque. Logo após a explosão do templo, considerado o quarto local sagrado para os mulçumanos xiitas, uma onda de assassinatos e de destruição de mesquitas sunitas varreu o país. A violência entre sunitas e xiitas vitimou centenas em várias cidades e aumentou os temores sobre a explosão de uma guerra civil.

A grande imprensa mundial vem classificando os assassinatos como "violência sectária e religiosa" entre xiitas e sunitas, ocasionada por um antigo ódio. Nada mais distante da verdade. Durante a maior parte de sua história sunitas e xiitas conviveram pacificamente no Iraque. Prova disso é que existem inúmeros casamentos mistos entre os adeptos das duas maiores vertentes do islamismo. É artificial, portanto, dizer que há um histórico conflito religioso no país.

PROVOCAÇÃO

Por outro lado, existem fortes suspeitas de que muitos atentados contra a população civil xiita são obras das tropas de ocupação (dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha). O objetivo seria criar uma divisão artificial no país, jogar sunitas contra xiitas e vice-versa, e assim fortalecer a ocupação.

Tais suspeitas são reforçadas pela forma como o atentado de Samarra foi organizado. Informações dão conta de que homens vestindo uniformes do Ministério do Interior do Iraque renderam cinco guardas e instalaram os explosivos. Contudo, nos dias anteriores ao atentado a mesquita era vigiada por um efetivo de 35 soldados. Uma pergunta não quer calar: por que o número de soldados na proteção do santuário foi reduzido de 35 para somente 5, justamente no dia dos ataques?

Até agora nenhuma resposta oficial foi dada. Outra questão que levanta muitas suspeitas é o assassinato de uma equipe de jornalistas da rede Al-Arabiya, que foi à Samara entrevistar moradores para investigar o atentado.

Outras prisões e assassinatos foram quase simultâneos às explosões. Estimulando e se aproveitando da furiosa onda de destruição de mesquitas sunitas, esquadrões da morte ligados ao governo fantoche iraquiano mataram centenas de pessoas em plena luz do dia. Essas execuções não foram a esmo. Os alvos eram muito bem selecionados, sendo que as principais vítimas eram suspeitos de colaborar com as forças de resistência à ocupação. Uma das ações foi contra um ônibus com 47 pessoas – xiitas e sunitas – que participaram de uma manifestação perto de Bagdá pela união do povo iraquiano. Todos foram mortos por homens armados.

AÇÕES DOS BANDOS

Não é a primeira vez que esquadrões da morte agem impunemente no Iraque. Há inúmeras acusações sobre a ação desses bandos, que têm a mais completa cobertura e colaboração por parte das tropas ocupantes e do governo marionete do país.

São verdadeiros grupos de extermínio, financiados e treinados pelos serviços secretos anglo-americano, cujo objetivo é perseguir e assassinar membros e simpatizantes da resistência iraquiana. Um dos principais esquadrões da morte é Organização Badr, uma milícia armada ligada a um partido xiita, o Conselho Supremo para a Revolução Islâmica (CSRII), principal partido do governo títere. Seu objetivo é atacar os sunitas em nome da "defesa dos xiitas", para fomentar o ódio entre as distintas confissões religiosas.

Recentemente, também, foi encontrada uma prisão subterrânea em pleno Ministério do Interior, em Bagdá. Pelo menos 173 presos, a maioria iraquianos de orientação sunita, estavam encarcerados. Vários deles apresentavam sinais de tortura e maus-tratos. Segundo o jornal norte-americano *New York Times*, a prisão é gerenciada por um comando do Ministério que estaria recrutando membros da Organização Badr e de outras milícias xiitas.

Estes e outros atentados contra a população civil contam com a colaboração explícita dos serviços secretos imperialistas. No ano passado, por exemplo, em Basora (no sul do Iraque), foi realizada a prisão de dois homens com roupas árabes, armas e explosivos. Detalhe: eles se identificaram como membros do serviço secreto britânico, o que revelou essa intima colaboração. Na ocasião, os soldados foram violentamente liberados por tanques britânicos, que destruíram uma delegacia, o que gerou profunda revolta da população.

GUERRA SUJA

Nos corredores da Casa Branca, o apoio prestado aos bandos assassinos é chamado pelo nome "Operação Salvador". Esse modelo não tem nada de inédito e já foi adotado entre os anos 1970 e 1980, na América Central aterrorizando a população com extermínios e seqüestros.

No Iraque, esse plano foi adotado quando Bush enviou o Diretor Nacional de Inteligência, John Negroponte, um dos apoiadores dos *Contras* na Nicarágua.

Na época as ações dos *Contras* visavam desestabilizar o governo da Frente Sandinista de Libertação Nacional e custou mais de cem mil vidas de civis. Negroponte também organizou esquadrões da morte em El Savador que assassinou o arcebispo Oscar Romero, morto dentro catedral de São Salvador, em 1980.

Diante do recrudescimento da heróica resistência iraquiana, o imperialismo resolveu adotar esse modelo. É uma forma espúria de delegar o trabalho sujo que não pode ser feito diretamente pelas tropas ocupantes.

DIVIDIR PARA REINAR

O crescimento da resistência iraquiana vem aprofundando a crise da ocupação colonial imperialista. O plano dos EUA de apostar tudo nas eleições, elegendo um governo fantoche com a burguesa ligada à hierarquia xiita, vinculada ao Irã, está diante de um impasse.

O plano era preparar as forças armadas locais, com um governo submisso menos desgastado, que pudesse garantir o controle do petróleo e da região, sem manter tantos soldados por mais tempo. Tal objetivo parece estar muito distante e o seu fracasso poderá impor uma outra solução, que significa dividir o Iraque através da religião.

Parte desse plano está embutido na adoção da constituição que forma as "zonas autônomas". De acordo com este projeto, o país seria dividido em governos próprios. No Norte do país, com os oligarcas curdos; no Sul, com os colaboracionistas de CSRII e Dawa. Esses governos controlariam as áreas que possuem os poços de petróleo.

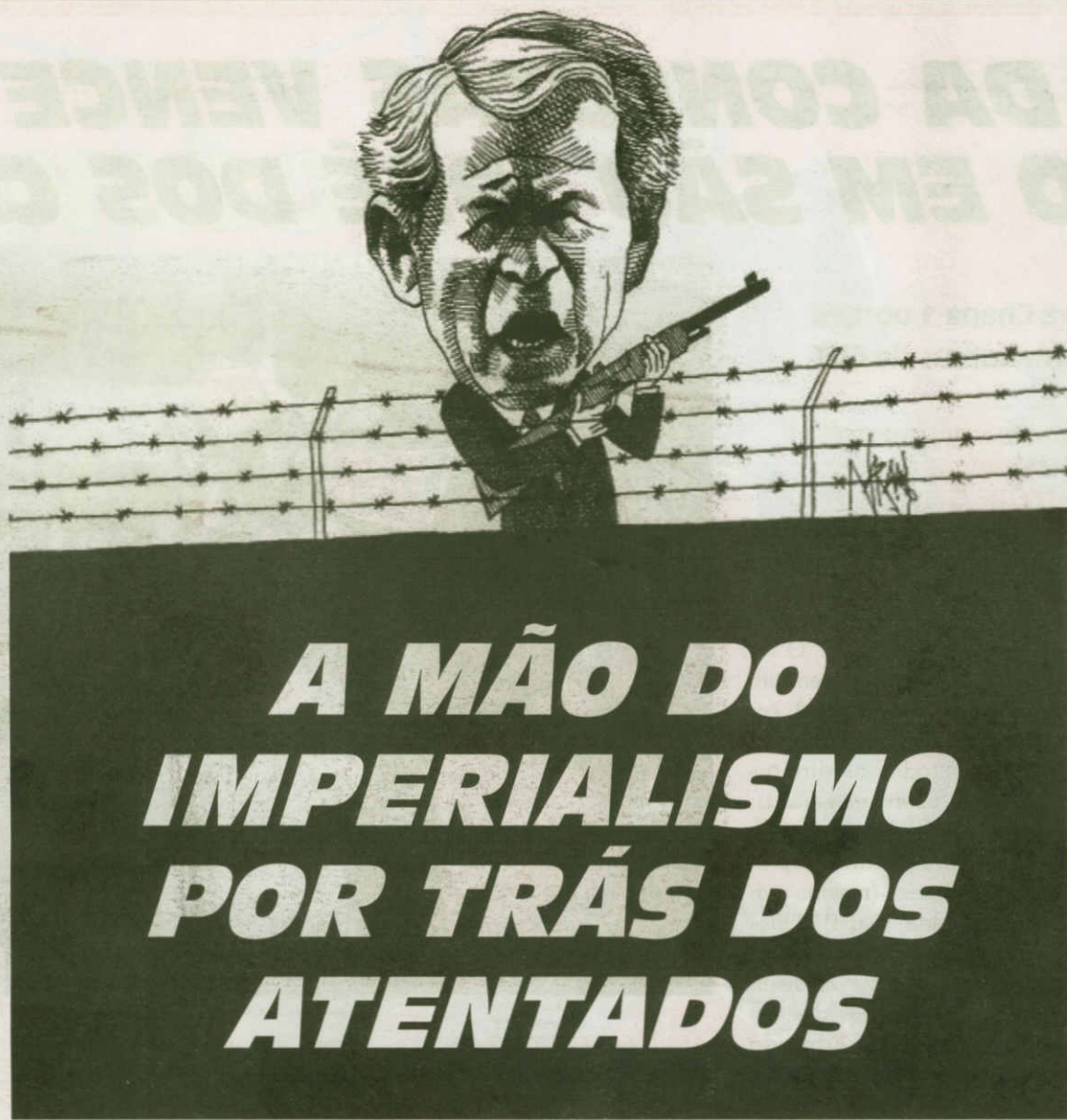
Esse plano também teria muita serventia diante de um forte aumento da resistência iraquiana tratando de evitar um cenário de derrota militar dos EUA.

FORA TROPAS IMPERIALISTAS DO IRAQUE

O que o imperialismo pretende é converter uma guerra de libertação nacional em guerra civil, estimulando as ações dos esquadrões da morte e do terrorismo "explosivo" da Al Qaeda, que ao atacar a população civil xiita, no Iraque, coincide com os objetivos dos EUA.

Bush lança mão de uma velha prática de administrações coloniais imperialistas: "dividir para reinar". Plano esse que já foi aplicado pelo imperialismo britânico na África, Índia e Irlanda.

No próximo dia 18 serão realizados atos internacionais contra os três anos de ocupação colonial no Iraque. Mais uma vez o mundo vai se mobilizar para essa jornada de lutas. Frente aos planos do imperialismo de dividir o país para derrotar a resistência, essa mobilização terá uma importância fundamental.

É preciso sair às ruas chamando o fim da ocupação, denunciando os planos de divisão imperialista e defender incondicionalmente as ações da resistência. Somente assim o povo iraquiano realizará sua libertação nacional, derrotando o imperialismo.

CHAPA DA CONLUTAS VENCE ELEIÇÃO EM SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

CATEGORIA votou em peso e Chapa 1 obteve 65% dos votos, apesar das manobras da CUT

JOCILENE CHAGAS, de São José dos Campos (SP)

Realizada nos dias 23 e 24 de fevereiro, a eleição para o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região foi marcada por intensa polarização entre as chapas concorrentes: a Chapa 1, da Conlutas, e a Chapa 2, da CUT.

Apesar das tentativas da Chapa 2 de tumultuar a eleição, recorrendo à justiça burguesa para cancelar o pleito, os metalúrgicos compareceram em massa. Foram 12.452 votantes. A Chapa 1 obteve 65% dos votos (7.671) e a Chapa 2 apenas 35% (4.150). Brancos e nulos somaram 474 e foram impugnados 157 votos.

O resultado foi anunciado às 6 horas do sábado de carnaval. Mesmo cansados, candidatos e apoiadores da Chapa 1 tiveram energia para comemorar e desfilar no tradicional bloco Acorda Peão, organizado pelo Sindicato dos Metalúrgicos.

"A categoria demonstrou mais uma vez a vontade de manter o sindicato no caminho da luta e na defesa incondicional dos direitos dos trabalhadores, por isso votou na Chapa 1, a chapa da Conlutas", disse o recém-eleito presidente da entidade, Adilson dos Santos, o Índio.

Ele destacou também que, desde o início da campanha, a chapa derrotada vinculou sua candidatura à volta da CUT à direção do sindicato. *"Os dois projetos em disputa eram totalmente diferentes e os metalúrgicos reafirmaram nas urnas o desejo de construir uma nova organização nacional de luta, independente e democrática"*, disse.

Para o presidente da apuração, a tentativa frustrada da chapa da CUT de impedir que o trabalhador votasse não comprometeu o pleito. *"Foi uma eleição democrática e tranqüila. Sem dúvida, o resultado representa a vontade da maioria dos metalúrgicos da região"*, disse Gilberto Antonio Gomes, o Giba, da Federação Democrática dos Metalúrgicos de Minas Gerais.

CHAPA DA CUT TENTA MANOBRA PARA IMPEDIR ELEIÇÃO

Consciente de sua derrota, às vésperas da eleição a chapa da CUT tentou impedir a votação. Usou argumentos falsos de falta de democracia. O resultado foi o adiamento em um dia do início do pleito. A comissão eleitoral recorreu e comprovou que todos os direitos das chapas estavam garantidos – já havia sido acordada a paridade entre mesários e presidentes de mesa (mesmo número para cada chapa). *"Eles também tiveram acesso a todos os documentos, como listagem de sócios e itinerários das urnas"*, disse Carlos Eduardo Batista, membro da comissão.

Derrotada também na justiça, a Chapa 2 tentou ainda impedir o trabalhador de votar. Distribuiu boletins dizendo que a eleição havia sido cancelada. Mesmo assim a categoria foi às urnas e elegeu a Chapa 1 com ampla maioria dos votos.

Para levar confusão à categoria, o PCO tentou inscrever uma chapa com nome de metalúrgicos que nem mesmo conheciam a organização. Revoltados, os trabalhadores renunciaram e essa chapa ficou com apenas três candidatos, não alcançando o número mínimo previsto no estatuto.

Com se não fosse o bastante, o PCO, coerentes com a sua política de defender a CUT governista, ainda apoiou as ações na Justiça feitas pela Chapa 2.

FOTOS MANUEL PEREIRA / SINDMETALSJC

RESULTADO DA APURAÇÃO

Chapa 1 – *7.671*
Chapa 2 - *4.150*
Brancos/nulos - *474*
Impugnados – *157*
Total – 12.452

ATIVISTAS DE TODO O PAÍS PARTICIPAM DA CAMPANHA DA CHAPA 1

A participação da militância de todo o País também merece destaque. Alguns conseguiram férias, outros entraram de licença e a juventude faltou aula para contribuir com a campanha da chapa da Conlutas.

Companheiros do Rio Grande Sul e Santa Catarina enfrentaram 24 horas de viagem em uma Kombi cedida pelo Sindicato dos Correios gaúcho. Militantes de Pernambuco também enfrentaram muitas horas em ônibus.

Minas Gerais enviou um ônibus e mais de 40 militantes de Belo Horizonte, Itaúna e do Sul de Minas. Representantes de sindicatos e do movimento popular e estudantes de São Paulo e Rio de Janeiro também foram fundamentais para a eleição da Chapa 1.

"Foi importante ver a juventude e o movimento sindical e popular unidos em defesa de um projeto. O sindicato de São José é a coluna vertebral da Conlutas, por isso não medimos esforços para participar. Faria tudo de novo", disse Antônia de Jesus, metalúrgica de Minas.

VITÓRIA FORTALECE A CONLUTAS

Sem dúvida essa eleição evidenciou mais claramente dois projetos para o movimento sindical e popular no Brasil. De um lado, a Chapa 1 e seu programa com críticas à política neoliberal do governo Lula e a reafirmação da necessidade de construir uma nova organização nacional. Do outro, a Chapa 2, apoiada por conhecidos pelegos da CUT, ansiosos para ganhar mais um aparato e, assim, frear as mobilizações contra o governo e os patrões.

Essa foi a primeira eleição do Sindicato dos Metalúrgicos de São José após a ruptura com a CUT, ocorrida em agosto de 2004. *"O resultado comprova, mais uma vez, a consciência da categoria de que os trabalhadores precisam construir uma nova ferramenta que unifique a luta dos trabalhadores, desempregados, juventude, sem-teto e sem-terra para avançar na construção de uma sociedade melhor"*, disse o diretor do sindicato e coordenador da Conlutas na região, José Donizete de Almeida.

SINDICATO FANTASMA FOI PARA O ESPAÇO

A vitória da Chapa 1 jogou por terra o projeto da CUT, apoiado pela patronal e pelo governo, de criar um sindicato do setor aeroespacial. Em todas as fábricas ligadas a esse setor (Embraer, Eleb, Sobraer e outras) a Chapa 1 ganhou com larga vantagem.

"Os metalúrgicos decidiram que não querem a divisão da categoria, por isso votaram na Chapa 1. A tentativa da CUT de enfraquecer a luta dos trabalhadores foi totalmente rejeitada", disse o presidente do Sindicato, Luiz Carlos Prates, o Mancha.

Adilson dos Santos (Índio) e Luiz Carlos Prates (Mancha) comemoram a vitória da Chapa 1 em São José dos Campos (SP)